Na periferia dos impérios: historiografia contextual das cartas do governante Bir-ia-wa-za, de Di-maš-qa, para o grande rei Amenhotep IV, do Mi-iš-ri*

In the periphery of empires: contextual historiography of the letters of the ruler Bir-ia-wa-za from Di-maš-qa to the great king Amenhotep IV of Mi-iš-ri

En la periferia de los imperios: historiografía contextual de las cartas del gobernante Bir-ia-wa-za, de Di-maš-qa, al gran rey Amenhotep IV, del Mi-iš-ri

João Batista Ribeiro Santos**

Fabíola Weber***

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar os contextos nos quais Di-maš-qa emerge como uma cidade-Estado e, em perspectiva geográfica, as políticas praticadas no Levante em cujo processo situamos a assim chamada “Época de ‘Amarna’”. As bases históricas são o suporte para a apresentação das cartas de Bir-ia-wa-za, de Di-maš-qa, assim como os conflitos representativos da região naquela época.

Palavras-chave: Levante; Tell el-‘Amarna; Damasco; memória cultural; cultura material; cidade-Estado.

ABSTRACT

This research aims to present the contexts in which Di-maš-qa emerges as a city-State and, in a geographical perspective, the policies practiced in the ancient Near East in which we situate the so-called “Era of ‘Amarna’”. The historical bases are the support for the presentation of the letters of Bir-ia-wa-za, of Di-maš-qa, as well as the conflicts representative of the region at that time.

Keywords: Levant; Tell el-‘Amarna; Damascus; cultural memory; material culture; citystate.

* Este artigo é parte da produção de pesquisa realizada durante o ano de 2017 pelo Grupo de Pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo”, da Universidade Metodista de São Paulo - Reg. no CNPq N° 4338921870858325.

** Docente da Escola de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Contato: joao.ribeiro@metodista.br.

***Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), membro do Grupo de Pesquisa “Tradução e Interpretação do Antigo Testamento” (TIAT/PUC-SP) e do Grupo de Pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo” (AAOP/Umesp). Contato: fwfabiola.weber@gmail.com.

RESUMEN

Esta investigación tiene por objetivo presentar los contextos en los que Di-maš-qa emerge como una ciudad-Estado y, en perspectiva geográfica, de políticas practicadas en el antiguo Oriente Próximo en cuyo proceso situamos la llamada “Época de ‘Amarna”. Las bases históricas son el soporte para la presentación de las cartas de Bir-ia-wa-za, de Di-maš-qa, así como los conflictos representativos de la región en aquella época.

Palabras clave: Levante; Tell el-‘Amarna; Damasco; memoria cultural; cultura material; ciudad-Estado.

Introdução

Na historiografia do antigo Oriente-Próximo a cidade de Di-maš-qa (*māt ša-imērišu*, “terra de seus jumentos”) é pouco mencionada quando trata-se das construções socioétnicas, a sua presença nos contextos de política social surge como importante cidade-Estado do norte do Levante, portanto no sul da Sūriyā (Síria), na Idade do Ferro I, em cerca de 1050. De forma geral, a pesquisa das cartas ou documentos do Tell el-‘Amarna lança luz sobre os “pequenos reinos”, ou seja, sobre os Estados e suas dimensões, as paisagens naturais e demográficas, os tratos e conflitos no Levante. Com efeito, a presença imperial egípcia é significativamente colonialista, mas já se avista mais que emergente o protagonismo assírio e o crescimento autônomo das cidades aramitas no norte desde o rio Eufrates. Nessa nova regionalização mapográfica que se apresenta no Bronze Tardio e funda a Idade do Ferro, encontra-se Di-maš-qa. Mirando este quadro, o nosso objetivo é apresentar uma pesquisa histórica contextual das cartas de Bir-ia-wa-za (babil.: *bi-ri-ia-ma-za*); num primeiro momento em busca da cidade-Estado e, em seguida, a apresentação das cartas e a abordagem documentária.

Historiografia contextual

As primeiras comunidades sírias são aldeãs emergentes do Período Neolítico. A partir do III milênio, com a acelerada urbanização, essas comunidades viram-se modificadas com o aparecimento de pessoas que não exerciam funções propriamente agrícolas e pastoralistas, tais como os artesãos, sacerdotes e comerciantes. Os estratos sociais são formados, então, pela economia palacial e pelas comunidades aldeãs, mesmo que o palácio tivesse domínios rurais com escravos e lavradores livres (CARDOSO, 1990, p. 76). A Sūriyā (Síria) é geograficamente central, pelo menos quando consideramos a suprarregionalização de poderes envolvendo Mi-iš-ri, Mi-it-ta-an-ni (Mitanni)¹ e Ḫatti (séculos XVII–XII) na Idade do Bronze Tardio. A sua importância dá-se, em grande parte, pela riqueza da cultura material, posto que política-

¹ O assim chamado Hana/igalbat e “terra dos hurritas”, reino localizado entre o Alto Eufrates e o Alto Tigre, centro político entre os rios Baliḫ e Ḫābūr (séculos XVI–XIV).

mente inexistia uma integração estatal. Havia vários pequenos reinos aramitas, dentre eles Mukiš/Emar e Tell Ḥal-pa (Aleppo) no norte, U-ga-ri-it (Ugarit), Ni-i (Niya) e Nukhaše no sul; A-mur-ru e Qat-na (Qaṭna) no centro, Qí-id-ša (heb.: Qādēš; canaanita: Qidšu) e Ú-bi (Ubi/Ube) no extremo sul. Como observou Marta Luciani (2014, p. 509), esses territórios localizavam-se nas periferias levantinas – na costa oeste e no leste do rio Eufrates.

Como datação aproximada para uma possível cronologia, o fim do reino de Mi-it-ta-an-ni ocorreu no final do Bronze Tardio I (c. 1350), marcado pelas conquistas do novo reino hitita, ou seja, no reinado de Šuppiluliuma I (c. 1355/45–1320 [1380–1346]), que provocou a queda do reino de Mi-it-ta-an-ni. Com base nisso, a assim chamada “Época de ‘Amarna” ou “era internacional” localiza-se desde o início do Bronze Tardio II, em cerca de 1350–1180. Nesse período há mudanças nos tratos e estruturas políticas, prédios comunitários, palácios e uma sociedade visivelmente estratificada: aparecem os “homens do rei”, oficiais militares que eram dependentes da administração real e os “filhos da terra”, agricultores e pastoralistas livres com família. Em todas as cidades-Estado havia diferença entre atividades privadas e “oficiais”, cerca de 80 por cento da população residia nas margens das cidades-Estado e, de uma perspectiva de política social, “as mulheres são atestadas em todas as posições do escalão hierárquico, e as mulheres de estrato alto parecem ter desfrutado de poder significativo na sociedade média da Síria” (LUCIANI, 2014, p. 510).

No oeste da Sūriyā, utensílios, tais como potes e vasos, apareceram em cerca de 7000–6800, segundo as escavações em Šir nas vizinhanças de Hamā. Há outras evidências ao norte, em Tell el-Kerkh e ao sul, em Tell Ramad, próximo a Di-maš-qa (Damasco). Durante o sétimo milênio, assentamentos foram estabelecidos na variada paisagem do oeste da Sūriyā e Lēbānōn, como no planalto de ‘Amuq no noroeste. A história dos assentamentos a partir do sexto milênio pode ser situada no norte do Levante, variando a cultura material no sul e norte da Sūriyā/Anatólia. Desse período encontramos potes do estilo dos produzidos no Tell Halaf (Tell Ḥal-pa/Aleppo), objetos produzidos ou importados chegando a U-ga-ri-it, no Mediterrâneo, e no vale libanês de Beqa‘, a 30 km a leste do atual Beirut. Quanto a Di-maš-qa, “os montes de longo período de estabelecimento na área de Damasco parecem ter sido abandonados por volta de 6000 A.E.C., no máximo, e quaisquer dados sobre seus sucessores do sexto milênio são altamente inconclusivos” (AKKERMANS, 2014, p. 144).

O predomínio aramita no Levante, até o rio Eufrates, foi possibilitado pela capacidade de formas de governo e produção de alimentos em terras

agricultáveis. As maiores cidades-Estado do norte do Levante têm alguma ligação cultural com a antiga Sūriyā. No Bronze Tardio I, Thutmosis III (1479–1425), quinto faraó da XVIII Dinastia (afora os dois faraós hiksos, Aazehre e Apofis III), enfrentou coalisões do Levante sul (= “Palestina”), Levante norte (= Sūriyā) e Levante mediterrâneo (= Lēbānōn) que opuseram-se ao protetorado egípcio sobre os seus territórios. Entretanto, cabe mencionar que uma tal identificação “aramita” ou ’Ārām carece de maiores atestações para essa época.

Se, por outro lado, a referência a Aram é entendida como um anacronismo funcional, então foi usada para descrever um povo do final do segundo milênio AEC vivendo na Alta Mesopotâmia. Se alguém aceita a lista egípcia de Amenhotep III (ca. 1390–1352 A.E.C.) como evidência, isso empurra a atestação inicial do termo de volta quase três séculos. Se, no entanto, a diferença é encontrada nas designações Aḥlamû e Sutû versus aramita, não é impossível que um grupo que eventualmente ganhe a designação “aramita” existisse por muitos séculos sob o descritor Aḥlamû e/ou Sutû (YOUNGER, 2016, p. 106).²

Mas esta importante observação evidentemente não é válida nem para a Sūriyā, como uma ampla região no norte do Levante, nem para Di-maš-qa. Na batalha próximo a Mēgiddô, o Mi-iš-ri conquistou essa cidade, um importante centro comercial suprarregional, posteriormente as cidades de Di-maš-qa, U-ga-ri-it, Qí-id-ša e Qaṭ-na foram incluídas na esfera de governo egípcia. Com a emergência do império de Ḫatti, com o rei Šuppiluliuma I, houve uma divisão de poderes no Levante e uma divisão de autoridade política regional entre Sūriyā e Lēbānōn: as cidades-Estado de U-ga-ri-it e Qat-na foram agregadas aos hititas e Gu-ub-la (Biblos), além do vale de Beqa‘, incluindo Di-maš-qa, permaneceram sob o poder egípcio (HEINZ; KULEMANN-OSSEN, 2014, p. 536-537). Notamos, portanto, que antes da chamada “Época de ‘Amarna” as estruturas políticas mantinham a mapografia levantina bem definida entre egípcios e hititas. Esses contextos, mesmo com a autonomia relativa dos Estados, podem ter influenciado a cultura material urbana antes do aparecimento do império neoassírio (c. 934–610).

Com efeito, essa autonomia proporcionou a diversidade na paisagem do norte levantino. Como testemunho material, “no oásis de Damasco, em Tell

² “If, on the other hand, the reference to Aram is understood as a functional anachronism, then it was used to describe a people from the late second millennium BCE living in upper Mesopotamia. If one accepts the Egyptian list of Amenhotep III (ca. 1390–1352 BCE) as evidence, this pushes the initial attestation for the term back almost three centuries. If, however, difference is found in the designations Aḥlamû and Sutû versus Aramean, it is not impossible that a group that eventually gains the designation ‘Aramean’ existed for many centuries under the descriptor Aḥlamû and/or Sutû” (YOUNGER, 2016, p. 106).

Sakka, foram descobertas casas de pilares da Idade do Bronze Tardio sobre um edifício monumental do Bronze Médio, com pinturas murais egípcias” (LUCIANI, 2014, p. 515), o que comprova a interação da população com diversas culturas. A paisagem dos assentamentos na região de Di-maš-qa não é clara, mas há uma continuidade cultural, a partir da evolução dos vasos, com sítios do Eufrates. Para Daniele Morandi Bonacossi (2014, p. 420-422), com o colapso dos assentamentos do Bronze Médio I surgiu uma nova rede de sítios protegidos por um sistema de fortalezas e torres na região de Di-maš-qa (no Tell es-Salihyah, Sakka), onde descobriu-se uma residência de verão para governantes decorada com murais cujos desenhos apresentavam influência egípcia.

Possivelmente, a aparente prosperidade econômica tenha relação com o fato de Di-maš-qa, assim como Ḫašôr, possuir um grande centro comercial, como atestado por fontes literárias de Mari (MORANDI BONACOSSO, 2014, p. 429), para onde muitos emissários babilônios eram enviados ou residiam. Isso dá-nos uma ideia da estrutura política do período e o surgimento do Levante como uma nova configuração geopolítica no antigo Oriente-Próximo. Mas o fato histórico que demonstrou o poderio imperial hitita foi a derrota imposta pelo rei Muwatalli (1295–1282/1271) a Ramsés II na batalha de Qí-id-ša (1286 [1275]). Como consequência marcante dessa alternância de poder na região, Di-maš-qa tornou-se parte dos territórios hititas, como já o afirmamos. Nessa época ocorreu a completa transformação cultural de Di-maš-qa, posto que desde a organização imperial de Tutmosis III a Tutmosis IV (1469–1403 [1458–1390]) “o nome de Damasco aparece numa lista de cidades conquistadas” (KUHRT, 2014, p. 361) pelo Mi-iš-ri – como local fronteiro estratégico por seus ricos recursos –, assim como Mēgiddô e o deserto da Sūriyā.

A produção de metal em Di-maš-qa, como um dos recursos naturais, ganha destaque a partir do Ferro IIA (c. 925–800) com as apropriações de ouro em butim de Šūr (Tiro), Karkamiš e Di-maš-qa pelos reis assírios. Mas o cobre com arsênico é utilizado – e provavelmente seja o primeiro metal a ser moldado – em larga escala no Levante desde o início do IV milênio, a metalurgia do bronze aparece no III e, paralelamente ao trabalho com o cobre, desenvolve-se no II milênio (MATOŬIAN; MICHEL, 2014, p. 57). Além disso, havia os tratos militares e econômicos entre as cidades-Estado envolvendo os agentes reais. Citemos apenas dois exemplos diferentes no aspecto espaço-tempo: os tratos comerciais entre Ebla e Lagaš, na segunda metade do III milênio, e a menção da Bíblia hebraica a um pacto envolvendo os reis ’Aḫē’āb de Yīsrā’ēl e Adad-‘idrī (Bar-Hadad) de Di-maš-qa.

Na última fase da XVIII Dinastia egípcia (1403–1306 [1390–1295]), o protagonista é o faraó Akhenaton, de múltiplas características pessoais a depender do ponto de vista em que ele seja considerado e do material analisado – um idealista, individualista, “monoteísta”, internacionalista, ou pacifista, por não ter participado de algumas guerras e não ter murais pisoteando os inimigos. Amenhotep III (1403–1364 [1390–1352]) foi sucedido, portanto, por seu filho Amenhotep IV (1364–1347 [1352–1336]), que reina sozinho a partir de 1378/1352, ainda que a sua corregência com Amenhotep III seja questionada, tendo como nome de coroação Neferkeperure (“As transformações de Rá são perfeitas”). Na verdade, a sequência de reis deve ser apenas tomada como possível, porque

ao contrário do original Cânon de Turin, as famosas listas de reis de Abydos e Sakkara não são listas completas dos reis das Dinastias 1–19. Pelo contrário, eles são seletivos. Por exemplo, os reis do 1º e 2º períodos Intermediários, bem como a rainha Hatshepsut e Akhenaton, Smenkhkare, Tutankamon e Ay, os assim chamados reis de Amarna, são omitidos na lista de Abydos. Seletividade semelhante é encontrada na lista de Sakkara. A prática de omitir épocas inteiras, como os períodos de Amarna e Hyksos, era o modo pelo qual os reis posteriores podiam expurgar antepassados embaraçosos e não fazer oferendas a eles (HOFFMEIER, 1997, p. 68).³

Na construção da imagem real o ícone primaz é o nome real. Em um determinado momento, Amenhotep IV troca o nome dele por Akhenaton (“Aquele que é benéfico para Aton”). O início do seu reinado foi marcado por grandes construções, dentre as quais destaca-se uma nova capital no Médio Mi-iṣ-ri próximo de Hermópolis, chamada Akhetaton (“Horizonte do Disco/de Aton”).

Esse faraó casou-se com Nefertiti, filha do casal palaciano Ay e Tiye II, formando um casal muito ligado politicamente, apesar de ambos não desempenharem papéis equivalentes, e tiveram pelo menos seis filhas. Segundo parece, Nefertiti por volta do décimo-segundo ano se separa do rei e no décimo-quarto ano morre, ele então contraiu matrimônio com uma de suas filhas, Meritaton (GRIMAL, 2012, p. 239-240; KUHRT, 2014, p. 226). No ano 4 do seu reinado, Amenhotep IV vai em companhia de Nefertiti ao local onde será construída a cidade que ele chamará de Akhetaton; segundo ele, por “revelação do próprio Aton”, localizado entre Tebas e Menfis. Em

³ “Unlike the original Turin Canon, the famous king-lists at Abydos and Sakkara are not complete lists of the kings from Dynasties 1–19. Rather they are selective. For instance, the kings of the 1st and 2nd Intermediate periods, as well as Queen Hatshepsut and Akhenaten, Smenkhkare, Tutankhamun, and Ay, the so called Amarna kings are omitted in the Abydos list. Similar selectivity is found in the Sakkara list. The practice of omitting entire epochs, such as the Amarna and Hyksos periods, were ways the later kings could expunge embarrassing forebears and not make offerings to them” (HOFFMEIER, 1997, p. 68).

um ano, no quinto ano de reinado, ele funda o seu novo domínio, um círculo de montanhas que se estendem por 25 quilômetros pelas margens do rio Nilo – um ano depois muda-se com a família real para essa cidade que será chamada de Tell el-‘Amarna, ou simplesmente Amarna, nome derivado de duas vilas, Et-Till e El-Amran. A cidade propriamente dita localizava-se na margem leste do rio Nilo, mas uma área maior, de cerca de 18 quilômetros quadrados com limites fixados, estendia-se até a margem ocidental do deserto (GATES, 2011, p. 109-113; GRIMAL, 2012, p. 232).

O sítio do Tell el-‘Amarna chamou a atenção em 1870 da nossa era, quando foram descobertos monumentos funerários subterrâneos (hipogeus) e estelas. Na primeira metade do século XX próximo passado, arqueólogos ingleses e alemães descobriram no sítio grandes residências, palácios, templos e um bairro de artesãos. Porém, foi a descoberta de grande quantidade de tabletes de argila principalmente em escrita acadiana que suscitou maior interesse na pesquisa da história. Trata-se de parte da correspondência oficial do Mi-iš-ri, sobre a qual podemos classificar como testemunhos das relações entre um grande reino ou império e os pequenos reinos ou Estados submetidos ao protetorado imperial egípcio no Levante.

Os ícones de representação de Akhenaton demonstram que esse faraó não se opunha à guerra, ao contrário da imagem construída em torno dele; além dessa ser a forma de controle utilizada para encampar regiões ao seu reino, o rapto e a deportação cumpriam a tarefa dos repovoamentos. Segundo Amélie Kuhrt (2014, p. 228, 367), ele deportou a população de Di-maš-qa para Ka-a-ša (Kuš, isto é, Nubia), sendo que ao final da campanha o governante local recebeu ordem para empalar vários dos chamados inimigos. No entanto, depois da batalha de Qí-id-ša as baixas militares egípcias levaram-no desde a perda do controle da região de Di-maš-qa e do sul do Levante até à inexistência do testemunho material da presença egípcia, a partir do reinado de Ramsés IV (1144–1136). O sucessor de Amenhotep IV, Tutankamon (Tutankhaton), rei efetivo após cerca de dois anos de reinado de Neferneferuaton Smenkhkare, abandonou o sítio do Tell el-‘Amarna – a nova capital foi ocupada por apenas onze anos por Amenhotep IV e alguns depois dele –, voltando-se para a cidade de Tebas e à divindade Amon, deixando como herança o prejuízo histórico de perdas relacionadas aos sepultamentos e objetos dos membros da família real que lhe precedeu.⁴

⁴ Sobre isto, GRIMAL, 2012; KUHRT, 2014; GATES, 2011.

Cartas de Bir-ia-wa-za, de Di-maš-qa

EA 194

- 01) *a-na* ¹*šàr-ri* EN-*ia*
- 02) *um-ma* ¹*Bir₅-ia-wa-za* ÌR-^ˈ*ka*^ˈ
- 03) *a-na* GÌR.MEŠ-*pí* ¹*šàr-ri*
- 04) *be-li-ia* ₇ ù ₇-*ta*-^ˈ*an*^ˈ
- 05) *am*-^ˈ*qut*^ˈ *a-mur* *ni-i-nu*
- 06) ^ˈÌR^ˈ.^ˈMEŠ^ˈ *a-ra-du*
- 07) ^{ˈ1}*šàr-ri* *iš-tu*
- 08) ^ˈ*da*^ˈ-*ri-ti*₇ *ki-ma*
- 09) ¹*Šu*-^ˈ*tar*^ˈ-*na* *a-bi-ia*
- 10) *ki-ma* ¹*Up*(?)-[...]-*tar* ^ˈ*a*^ˈ-*bi* [*a-bi-ia*]
- 11) [*a*]-^ˈ*mur* [...]^ˈ*ni*^ˈ-*nu*
- 12) [...] *vestígios* [...]
- 13) [...]
- 14) [...]
- 15) [...]
- 16) [...]
- 17) *m*[*a* [...]]
- 18) DU[MU [...]]
- 19) ^ˈ*aš*^ˈ-^ˈ*šum*^ˈ [...]
- 20) *a-na* ^ˈ*na*^ˈ-[*ša*]-^ˈ*ar*^ˈ
- 21) URU.^ˈDIDLI.^ˈḪI.A^ˈ-*ni* ù
- 22) KASKAL-^ˈ*ra*^ˈ-*na* *ša* *uš-ši-ir-ta*
- 23) [*a*]-^ˈ*na*^ˈ ^ˈKUR^ˈ ^ˈ*Na*^ˈ-^ˈ*aḫ*^ˈ-*ri-mi*
- 24) [*l*]-^ˈ*ta*^ˈ(?)^ˈ-*ši*
- 25) [...] ^ˈ*ú*^ˈ-^ˈ*wa*^ˈ(?)
- 26) [...]
- 27) [...] ^ˈ*i*^ˈ*a*
- 28) [...*pa*-^ˈ*a*]-^ˈ*ḫa-at*
- 29) *ma-gal*
- 30) [...] ^ˈ*a*^ˈ-*nu-ma* ^ˈŠEŠ^ˈ-*ia*
- 31) [*ú*]-^ˈ*wa*^ˈ-^ˈ*aš*^ˈ-^ˈ*šer*⁹^ˈ ^ˈ*a*^ˈ-^ˈ*na*^ˈ
- 32) UGU-^ˈ*ka*^ˈ

Tradução de Anson F. Rainey

(1–5) Ao rei, meu senhor; a mensagem de Biryawaza, seu escravo: Aos pés do rei, meu senhor sete (vezes) e sete vezes eu tenho caído.

(5–10) Olhe, nós somos escravos, servindo ao rei do velho como meu pai, Sutarna, como [...], [de meu pai] pai.

(11–21) Olhe [...] nós estamos [...] para [...] em ordem para [...] para pro[te]ger as cidades.

(21–24) E quanto à caravana que enviaste à terra de Nahrîmi, ele vai adiante.

(25–29) [.....isto] está com muito medo.

(30–32) [E] agora meu irmão eu tenho enviado a você.

Translação de Mario Liverani

O rei meu senhor: mensagem de Biryawaza teu escravo. Ao pé do rei meu senhor sete e sete vezes **5** eu me voltei. Olhe: nós somos escravos. Eu servi o rei sempre, como Shuttarna meu pai, **10** como [...] meu avô [... **15** ...] **20** para proteger a cidade e as caravanas que tu enviaste para Nahrma. Isca (também) **25** [...] é muito medo. **30** Esse meu irmão eu envio [a] por ti.

EA 195

- 01) *a-na* ¹*šàr-ri*
- 02) *be-li-ia*
- 03) *qí-bí-ma*
- 04) *um-ma* ¹*Bir₃-ia-wa-za*
- 05) *ìR-ka* SAĤAR.MEŠ \ *ep-ri*
- 06) *ša* GÌR.MEŠ-*ka* ù
- 07) KI.MEŠ *ša ka-bá-sí-ka*
- 08) GÌŠ.GU.ZA *ša a-ša-bi-ka*
- 09) ù GÌŠ.GÌR.GUB \ *gi-iš-tap-pí*
- 10) *ša* GÌR.MEŠ-*ka*
- 11) *a-na* GÌR.MEŠ ¹LUGAL EN-*ia*
- 12) ^dUTU KIN.⟨NIM⟩ *še-ri*^{MEŠ}
- 13) \ *li-mì-ma*
- 14) ₇-*šu a-na pa-ni*
- 15) *7-ta-an-ni am-qut*
- 16) *be-li-mi* ^dUTU
- 17) *i-na* AN *ša-me* ù
- 18) *ki-ma a-ša-i* ^dUTU. ^rM'EŠ
- 19) *iš-tu ša-me ki-na-an-na*
- 20) *tu-qa-ú-na* ÌR.MEŠ
- 21) ^r*a-ša-i a-wa-te*^{MEŠ}
- 22) *iš-tu* UZU.KA
- 23) \ *pí-i be-li-šu-\nu*
- 24) *a-nu-ma a-na-ku qa-du*
- 25) ÉRIN.MEŠ-*ia* ù GÌŠ.GIGIR.MEŠ-*ia*
- 26) ^r*ú qa-du ŠEŠ.MEŠ-ia*
- 27) ù *qa-du* LÚ.MEŠ SA.GAZ.MEŠ-*ia*
- 28) ù *qa-du*
- 29) LÚ.MEŠ *Su-te-ia*
- 30) *a-na pa-ni* ÉRIN.MEŠ *pí-tá-ti₇*
- 31) *a-di a-šar yi-qa-bu*
- 32) ¹LUGAL *be-li-ia*

Tradução de Anson F. Rainey

(1–15) Fala ao rei, meu senhor; a mensagem de Biryawaza, seu escravo, a sujeira sob seus pés e o chão de seu pisar, a cadeira de seu sentar e o escabelo de seus pés; aos pés do rei, meu senhor, o deus-sol da aurora \ das nações, sete vezes no rosto, (e) sete vezes eu cá.

(16–23) Meu senhor é o deus-sol no céu e como a vinda do dom do deus-sol do céu, assim os escravos aguardam a vinda das palavras da boca do seu senhor.

(24–32) Agora, eu com minhas tropas e minha carruagem e com meus colegas (irmãos) e com os meus homens *‘apîru* e com os meus homens Sutû estou antecipando as tropas regulares para onde quer que o rei, meu senhor, comandem.

Tradução de Mario Liverani

Ao rei meu senhor, digo: mensagem de Biryawaza **5** teu escravo, terreno de teus pés, solo que tu pisas, assento onde tu assentas, o estribo de teus pés. Aos pés do rei meu senhor, o Sol, a aurora (brilho:) “dos povos”, sete voltas em diante **15** e sete (de volta) eu me lancei. O meu senhor é o Sol nos céus, e como és o Sol nasce do céu, de modo que **20** os escravos esperam que as palavras saem da boca do seu senhor. Eis que eu juntamente **25** aos meus soldados e aos meus carros, juntamente com os meus irmãos, juntamente com os meus *habiru* e juntamente aos meus Sutu, **30** (irei) à frente dos soldados (egípcios), até onde ordenar o rei meu senhor.

EA 196

- 01) [a-na LUGAL EN-i]a[q]i-b[i-ma
- 02) [um-ma ¹Bir₅-i]a-‘wa-‘za’ ‘ÎR[-ka]
- 03) [a]-na ‘GÎR’. ‘MEŠ’ ‘LUGAL’ ‘EN’-‘ia’ ,₇ a-‘na’ [pa-ni]
- 04) ši-bi-‘ta’-‘a’-an am-‘qut’
- 05) ‘ù’ i[š]-‘te’-me ‘i’-‘nu’-[m]a ša-pár L[UGAL]
- 06) E[N-ia ¹...]sa-ia [ù] [n]a-a[š]-r[a-k]u
- 07) ù [ur-ru-u]d a-na-‘ku’ [L]UG[AL] E[N-i]a
- 08) i-n[a aš-r]i an-ni ‘ti’-[i]k-šu[-da-a]m-mi
- 09) [ar-ḫi-iš ÉRIN GA]L ‘LUGAL’ ‘EN’-ia
- 10) ‘a’-‘na’ m[a-ḫar LUGAL KUR Ḫa-]at-[ti₇ ^{K1}]
- 11) ‘ma’-‘sar’ [LU]G[AL EN-ia paṭ-ru]
- 12) i[š-t]u m[u]-ḫi-ia ‘a’-‘na’-‘ku’ [1-en ÌR]
- 13) ‘LUGAL’ ‘ša’ ‘ir’-ti₇-ḫa-ti₇ ‘a’-n[a ša-šu]
- 14) [ù l]i-‘de’ LUGAL EN-ia ‘ù’
- 15) [gáb-b]i ÌR.MEŠ LUGAL EN-ia
- 16) [i]t-ta-al-ku EGIR!
- 17) [LUGAL] KUR Ḫa-at-ti₇ ^{K1} ù

- 18) [ka-aš-]du gáb-bi MÁŠKIM.ˁMEŠˁ
 19) [LUGAL E]N-ia ša ˁuš-š[u-ni]
 20) [.....]
 21) [.....]
 22) [.....]
 Lo.ed. 23) [.....]
 24) [.....]
 Rev. 25) [.....]
 26) [.....i]a[.....]i[a]
 27) [.....]DAM.MEŠ-ia
 28) [ù] ˁÉˁ.GI.IA ù
 29) [ša-k]a-an i-na ÚR \ su-ni-[šu]
 30) [š]a-ni-tam i-nu-ma la-ma-ad
 31) [LUGAL] EN-ia a-wa-ta₅ a-ni-ta₅
 32) la-a i-pa-aš ip-ša › an-na LÚ iš-tu
 33) ˁdaˁ-ri-ti₇ ša-ni-tam
 34) ˁyuˁ-wa-ša-ra-ni-mì LUGAL EN[-ia]
 35) ˁ1ˁ me-tì LÚ.MEŠ a-na ˁnaˁ-ša-ˁriˁ ì[R-ka ù]
 36) [a-n]a na-ša-ˁriˁ ˁURUˁ.DIDLI.ĤI.A LUGAL EN[-ia]
 37) [a-d]i ˁiˁ-ma-ru ÉRIN.MEŠ pí-tá-ti₇
 38) [LUGA]L EN-ia ù la-a
 39) [y]i-qù-ul LUGAL EN-ia
 40) [iš-]tu ip-ši an-ni ša
 41) [i]pa-aš ˁr Biˁ-ri-da-aš-wa
 42) [i-nu-]ma yi-na-ma-aš KUR.KI
 43) [LUGAL] EN-ia ù URU.DIDLI.[ĤI.A-šu]

Tradução de Anson F. Rainey

(1–4) [Fa]l[a ao rei, m]eu [senhor; a mensagem de Biry]awaza, [seu] escravo: [A]os pés do r[e]i, <meu> s[enhor], sete vezes no [o rosto] (e) sete vezes, eu tenho caído.

(5–13) E eu tenho ouvido quando o r[e]i, meu] s[enhor,] enviou [...]saya [e] eu estou de guarda. E eu [tenho servi]do o [r]e[i], [m]eu sen[hor] neste [luga]r. Que [o gra]de [exército] do rei, meu senhor, chegue [depressa] ante[s do rei da terra de Ĥa]t[t]i. A guarnição do [r]i[meu senhor, partiu de mim. Eu sou [o único escravo do]] rei que permanece com [ele].

(14–20) [Assim] o rei, meu senhor, seja informado de que [tod]os dos escravos do rei, meu senhor, foram embora depois (!) [o rei] da terra de Ĥatti e todos os comissários [do rei,] meu [sen]hor, que saíram [têm chega]do [...].

(21–26) [.....]

(27–29) [...] minhas esposas [e] minhas filhas na lei e [ele co] colocou (elas) em seu colo (= ter relações sexuais com elas).

(30–33) [A]lém disso, da forma como [o rei], meu senhor, soube deste assunto, nunca um homem tem feito tal coisa.

(33–38) Além disso, o rei, [meu] senhor, envie-me um (ou dois?) cem homens para proteger o [seu escravo e] para proteger as cidades do rei, [meu] senhor, até que eu veja as tropas regulares de [o rei], meu senhor.

(38–43) E que o rei, meu senhor, não [mant]enha silêncio [concer]nente esta ação que Biridashwa [tem] feito [quan]do ele tem causado (?) a terra de [o rei], meu senhor, e [suas] cida[des] para desertar.

Translação de Mario Liverani

[Ao rei meu senhor] digo: [mensagem de Bir]yawaza teu escravo. Aos pés do rei meu senhor, sete vezes para a frente e sete (de volta) eu lanço-me. **5** Eu ouvi o que o rei meu senhor escreveu [...] eu protejo, e eu sirvo o rei meu senhor neste [local]. (Bem) é [uma grande tropa (?)] do rei meu senhor, **10** contra o rei de Hatti [... ...] contra mim. Eu sou [escravo do] rei que abriu o caminho (?) [...] Saiba o rei meu senhor **15** que todos os escravos do rei meu senhor se foram ?? [para] o rei de Hatti, e tem chegado (aqui) todos os comissários [do rei meu se]nhor que saíram **20** [... ... **25** ...] as minhas esposas e as minhas filhas foram estupradas [...]. **30** Saiba o rei meu senhor tal coisa, que um homem nunca tinha feito uma coisa semelhante! Além disso, o rei meu senhor me envie **35** duzentos homens para proteger, para proteger a cidade do rei meu senhor, até que eu veja as tropas (egípcios) [do rei] meu senhor. Não permaneça inerte o rei meu senhor **40** sobre este fato que Biridashwa tem feito, (ou seja), que tem desertado a terra [do rei] meu senhor e sua cidade.

EA 197

- 04) [a-na LUGAL EN-ia qí-bí-ma]
- 03) [um-ma 'Bir₅-ia-wa-za ÌR-ka]
- 02) [a-na GÌR.MEŠ LUGAL EN-ia , a-na pa-ni]
- 01) [,ta-an-ni am-qut]
- 00) [a-mur 'Ar-sà-wu-ya]
- 01) [yi-i]q-bi a-[na '.....]
- 02) 'ÌR'-ka i-na URU A-[ra-ri ? a-na]
- 03) ANŠE.KUR.RA.MEŠ-šu ù GIŠ.GIGIR-šu [i-di-in₄-šu-ni]
- 04) a-na LÚ.MEŠ SA.GAZ ù la-a ta[-di-in₄-šu-ni]
- 05) a-na LUGAL EN-ia u mì-ia-ti₇ a-'na'-ku ›'ù'«
- 06) ÌR a-na ia-ši-ia a-na-mì LUGAL gáb-bu
- 07) yi-mur-ma 'Bi-ri-da-aš-wa ip-ša an-na
- 08) ù yi-«MAŠ»-na-mu-uš URU Ya-nu-am-ma UGU-ia
- 09) u yi-du-ul KÁ.GAL a-na EGIR-ia
- 10) ù yi-il₅-qé GIŠ.GIGIR.MEŠ i-na URU Aš-tar-ti₇
- 11) ù ya-di-in₄-šu-ni a-na LÚ.MEŠ SA.GAZ
- 12) ù la-a ya-di-in₄-šu-'ni' a-na LUGAL EN-ia

- 13) *yì-mur-ma šâr URU Bu-uş-ru-na*
- 14) *ù šâr URU Ħa-lu-un-ni u ti₇-pa-šu*
- 15) *nu-kúr-ta it-ti ¹Bi-ri-da-aš-wa*
- 16) *a-na mu-ĥi-ia u ti₇-iq-bu-na*
- 17) *al-ka-am-mi nu-du-uk ¹Bir₅-ia-wa-za*
- 18) *‘ù’ la-a ni-wa-aš-ši-ru-šu a-na*
- 19) *[KUR Ta]ĥ-ši_χ (ŠE) ù i-pa-ṭar a-na-ku iš-tu*
- 20) *[qa-ti-š]u-nu ù iz-zi-iz i-na*
- 21) *[KUR A-pí ù] ‘URU’ Di-maš-qa i-nu-ma*
- 22) *[ti₇-mu-ru k]i-i ur-ru-‘du’*
- 23) *[LUGAL EN-ia ti₇]-iq-bu-n[a]*
- 24) *[ÌR.MEŠ šâr KUR Ħa-a]t-ti₇ ni-nu*
- 25) *ù a-na-ku iq-bu ÌR šâr KUR Mi-iş-r[*i*]*
- 26) *a-na-ku ù yi-la-ak ¹Ar-sà-wu-ya*
- 27) *a-na URU Qi-i[*s-sà*] ‘ù’ yi-il₅-qa*
- 28) *ÉRIN.MEŠ ¹A-‘zi’-[*ri*] ‘ù’ iş-ba-at*
- 29) *URU Ša-ad-du u ya-di-in₄-ši a-na*
- 30) *LÚ.MEŠ SA.GAZ u la-a ia-di-in₄-ši*
- 31) *a-na LUGAL EN-ia ù a-mur ¹I-ta-at-ka-ma*
- 32) *ĥu-li-iq KUR Qi-is-sà u an-nu-ú*
- 33) *¹Ar-sà-wu-ya qa-du ¹Bi-ri-da-aš-wa*
- 34) *yu-ĥa-li-qú KUR A-pí*
- 35) *ù li-pa-qa-ad KUR.KI-šu LUGAL la-a-mi*
- 36) *til-qú-ši LÚ.MEŠ na-ak-ru-tu*
- 37) *i-nu-ma ŠEŠ.MEŠ-ia nu-kúr-tu a-na ia-ši-ia*
- 38) *a-na-ku i-na-ša-ru URU Ku-mi-di URU LUGAL*
- 39) *‘EN’-ia ù lu-ú yu!(UD)-ša-lim LUGAL a-na ÌR-
\\‘šu’*
- 40) *[la-a y]i-zi-ib ÌR-šu LUGAL*
- 41) *[ù lu-ú] ti₇-da-ga-lu LUGAL.MEŠ [KUR Qi-is-sà]?*
- 42) *[ù]‘LUGAL’ MEŠ KUR A-pí š[um-ma]*
-
- 43) *...a-ta-mar ÉRIN.MEŠ pí-tá-ti₇*

Tradução de Anson F. Rainey

(-4-0) [Fala ao rei, meu senhor; a mensagem de Biryawaza, seu escravo: aos pés do rei, meu senhor, sete vezes sobre a face e sete vezes eu tenho caído. Olha, Arsawuya]

(1-5) [Falou pa[ra] PN.] seu escravo na cidade de A[raru(?)] concernente a seus cavalos (e) seus carros, “[Entregai-os] aos homens ‘*apîru*, mas não os entregai-os ao rei, meu senhor.”

(5-6) Quem sou eu? Um escravo! É ao rei que tudo meu pertence.

(7-12) Biridashwa viu esta ação e incitou a cidade de Yanu‘am de encontro a mim e barrou a porta atrás de mim e tomou os carros da cidade

de Ashtartu e entregou-os aos homens ‘*apîru* e não os entregou ao rei, meu senhor.

(13–19) O rei da cidade de Buṣruna e o rei da cidade de ‘Allônu viram (isto) e eles fizeram guerra contra mim com Biridashwa, e eles estavam dizendo: “Vamos! Vamos matar Biryawaza e não deixá-lo fugir para [a terra de Ta]ḥsi.”

(19–21) Mas eu escapei de seu [aperto] e eu tomei uma posição na [terra de Api e] a cidade de Damasco.

(21–26) Quando [eles viram q]ue eu servia [o rei, meu senhor, eles] continuaram dizend[o], “Nós somos [escravos da terra de Ḥa]tti.” Mas eu continuava dizendo: “Eu sou o servo do rei da terra do Egito[.]” E Arsawuya foi

(27–31) Para a cidade de Qi[ssa] (Qedesh), e ele tomou as tropas de Azi[ru] e ele cercou a cidade de Shaddu e ele entregou-a aos homens ‘*apîru* e não entregou ao rei, meu senhor.

(31–34) Veja! Itakama causou a perda de Qissa (Qedesh) e eis que Arsawuya com Biridashwa estão causando a perda da terra de Api.

(35–42) Assim o rei atenda a sua terra para que os inimigos não a tomem. Enquanto meus companheiros (irmãos) são hostis a mim, eu estou guardando a cidade de Kumidi, a cidade do rei, meu senhor. Assim o rei possa trazer paz ao seu escravo; que o rei [não a]tinja seu escravo [e que] os reis da [terra de Qissa? e] os reis da terra de Api vejam [se....]

(43) [.....] Eu vi as tropas regulares

Translação de Mario Liverani

[... ..] disse em [mim quando] o teu escravo estava em A[bi] e seus cavalos e seus carros [deram] aos inimigos (*habiru*), e não ter dado **5** ao rei meu senhor. Quem sou eu? a minha intenção é de servir; tudo pertence ao rei. Biridashwa viu isso, e tem desertado a cidade de Yanuammu contra mim. Ele barrou a porta (da cidade) contra mim **10** e recebeu os carros (para ir) a Ashtartu, mas (então) deu-lhes aos inimigos (*habiru*) e não deu-lhes ao rei meu senhor. O rei de Busruna eo rei de Halunni viram (ele) e fizeram **15** guerra com Biridashwa contra mim. Disseram: “Venha, vamos derrotar Biryawaza, não deixá-lo em Tahshi!”. Mas eu escapei de **20** suas [mãos], e resisti em [Abi (?)] e em Damasco, quando [...] servir [...] disseram: “Nós somos [escravos do rei de] Hatti!”. **25** Mas eu disse: “Eu sou escravo do rei do Egito!”. Veio Arzawiya a Qadesh, e levou as tropas de Aziru e ocupou a cidade de Shaddu e deu-o **30** aos inimigos (*habiru*), não a deu para o rei meu senhor! Olha, Etakama arruinou a terra de Qadesh, e aqui, Arzawiya juntamente com Biridashwa arruinaram a terra de Abi. **35** Tome cuidado com

o rei da sua terra, que não tomam os inimigos! Enquanto (todos) os meus colegas me são inimigos, eu protejo Kumidí, cidade do rei meu senhor. O rei salva (?), eu sou escravo! **40** O rei [não] abandona o seu escravo! Ver o rei [da terra de Qadesh (?)] e o rei da terra de Abi [... ...] eu tenho visto as tropas (egípcios).

Abordagem documentária

Os documentos do Tell el-‘Amarna são fontes materiais do final da XVIII Dinastia, entre o reinado de Amenhotep III e o início do reinado de Tutankhamon (c. 1335–1323). São correspondências trocadas entre os faraós e os “pequenos reis” de cidades-Estado, quase sempre aliados. Essas cartas foram descobertas em 1887 da nossa era por uma camponesa nas ruínas da antiga cidade de Akhetaton, logo denominadas de *Cartas de El-‘Amarna*, são cerca de 382 tabletes em escrita cuneiforme acadiano ou babilônio (COE-LHO, 2013, p. 2). São um fragmento do fenômeno da tradição escriturária da periferia acadiana do antigo Oriente-Próximo na Idade do Bronze Tardio. A expressão “fragmento” é usada por Jana Mynářová (2007, p. 67) porque existem outros conjuntos literários e inscrições monumentais produzidos no Levante que devem ser incorporados a esse fenômeno. Naturalmente, a presença de Di-maš-qa como designação territorial nas correspondências internacionais ocorre bem antes. Em uma carta enviada por ‘Uzzīnu, governador de U-ga-ri-it, “ao rei, meu senhor...”, comunica-se nas linhas 16–21 entre outras coisas que “Eu, da minha parte, cheguei em Qí-id-ša e ‘Urīyānu partiu para ‘Up (Di-maš-qa)”, atestando pela primeira vez em ugarítico a localidade de ‘Up (Di-maš-qa), cuja nomeação é a mesma que consta nas cartas do Tell el-‘Amarna.⁵

Particularmente às cartas amarnianas, elas combinam conteúdos diplomáticos e administrativos. Com relação à estrutura da primeira carta catalogada,

EA 170, uma carta contendo duas mensagens enviadas aos destinatários no Egito. A primeira parte do EA 170, isto é, EA 170A, contém uma mensagem de Ba‘luya e Be‘lilu para Aziru, e EA 170B está preocupada com uma comunicação entre Amurba‘la e quatro outras pessoas, que provavelmente estavam acompanhando Aziru em uma visita ao Egito. Quanto à origem do EA 170, foi sugerido que o tablete provavelmente foi escrito pelo mesmo escriba como EA 169 e a análise petrográfica realizada em ambos os tabletes não contestou essa crença (MYNÁŘOVÁ, 2007, p. 104).⁶

⁵ Na correspondência real o nome do destinatário não foi preservado, mas é importante por atestar Di-maš-qa como uma cidade-Estado com nome identificável (PARDEE, 2002, p. 105).

⁶ “EA 170, a letter containing two messages sent to addressees in Egypt. The first part of EA 170, i.e. EA 170A, contains a message of Ba‘luya and Be‘lilu to Aziru, and EA 170B is concerned with a communication between Amurba‘la and four other individuals, who were probably accompanying

Diferente quanto à perspectiva interna, a estrutura das outras duas cartas, EA 212 e EA 265, é comum a muitas daquelas enviadas por governantes de diferentes estruturas sociais e em diferentes conflitos de políticas locais.

Este tipo particular da estrutura é empregado nas passagens de abertura em quase 70 por cento dos tablettes. Este elemento estatístico sozinho nos permite postular que o uso deste tipo de introdução não tem associação com a origem dos respectivos textos, isto é, seu emprego não é condicionado por qualquer tradição local. As razões para seu uso devem, portanto, estar associadas a critérios além daqueles ligados à distribuição geográfica (MYNÁŘOVÁ, 2007, p. 106).⁷

Os usos de palavras da língua comum da sociedade, mesmo que não se tenha abandonado as fórmulas de tratamento convencionadas, remetem-nos ao sentido dado à realidade, a cada conflito. O tratamento dispensado ao grande rei egípcio não deve induzir-nos a uma leitura do período amarniano em sua totalidade, mas de cada carta particularmente. Este nosso postulado é corroborado ainda pelo fato de pesquisadores terem destacado que o *Mi-iš-ri* não exerceu um controle fortemente totalitário nos assim chamados territórios siro-palestinos na Idade do Bronze Tardio, mas um protetorado – um protetorado sem condições de controlar essa região de longo curso e muito menos auxiliar adequadamente os Estados vassalos em seus pedidos de proteção.⁸

O poderio do faraó sobre os territórios levantinos pode ser, no entanto, atestado numa das cartas encontradas em Kāmid el-Lōz,⁹ nas proximidades de Di-maš-qa, enviada possivelmente pelo faraó ao governante de Di-maš-qa (KUHRT, 2014, p. 366-367; HALLO, 2012, p. 243):

Fala a Zalaya, o homem de Damasco. Assim (fala) o rei. Agora eu te envio esta carta (lit.: tablete), minha mensagem para ti. Segue: envia-me os *ḥabiru* de A-mur-ru, sobre quem eu escrevi para ti dizendo: “Eu os entregarei às cidades do país de Ka-a-ša (Kuš, isto é, Nubia), para que as habitem no lugar daqueles que eu deportei (retirei à força)”.

Nessa carta endereçada a Zalaya o remetente o designa como “governador” de Di-maš-qa e escreve para ordenar-lhe a deportação dos *ḥabiru* de

Aziru on a visit to Egypt. As far as the origin of EA 170 is concerned, it has been suggested that the tablet was probably written by the same scribe as EA 169 and the petrographic analysis carried out at both tablets has not challenged this belief” (MYNÁŘOVÁ, 2007, p. 104).

⁷ “This particular type the structure is employed in the opening passages in almost 70 percent of the tablets. This statistical element alone allows us to postulate that the usage of this type of opening passage has no association with the origin of the respective texts, i.e. its employment is not conditioned by any local tradition. The reasons for its usage must, therefore, be associated with criteria other than those linked to geographical distribution” (MYNÁŘOVÁ, 2007, p. 106).

⁸ Postulado por Ciro Flamarion S. Cardoso (2003) e Mario Liverani (2016), tema que também abordamos (SANTOS, 2012).

⁹ Antiga Ku-mi-di.

A-mur-ru; ainda que inexista assinatura, a mesma tem sido atribuída ao faraó Amenhotep III.¹⁰ Além do contexto de apropriação e deportação e o dado histórico da governança naquela cidade-Estado, a carta comprova a política de reassentamento de áreas previamente despovoadas praticada por Mi-iš-ri, modelo também praticado pelo império neoassírio na Idade do Ferro I–II. O controle efetivo deu-se na linguagem diplomática com a imposição de comunicação rigidamente monolíngue, “com o único objetivo de controlar a língua diplomática (vocabulários egípcio-acádios de El-Amarna)” (LIVERANI, 2016, p. 393). A época de conquista deu-se em cerca de 1550–1300 coberto pela XVIII Dinastia. Por um período Thutmosis III controlou a Ásia e, posteriormente, Amenhotep II guerreou contra o reino de Mi-it-ta-an-ni pelo controle da Sūriyā.

Outra tendência notável comparando os “Anais” de Thutmosis III com as cartas de el-Amarna, é a renúncia parcial por parte do faraó em estabelecer áreas de exploração regular e controle direto: os “portos” que Thutmosis claramente queria estender a toda a costa, e as áreas públicas próximas dos próprios portos (florestas do Líbano, planície agrícola em Yezreel) foram reduzidas ao mínimo necessário para apoiar as tropas egípcias, deixando o resto do governo do país para os reis locais, e a drenagem econômica a um mecanismo do tipo tributário (LIVERANI, 1998, p. 34).¹¹

Na carta EA 194, linhas 5–11, Bir-ia-wa-za (babil.: *bi-ri-ia-ma-za*) menciona os antepassados dele, Šutarna e Ḫa[š...], enquanto Zalaya menciona Kāmid el-Lōz em suas cartas, portanto Zalaya situa-se em Di-maš-qa. A forma de identificação de parentesco de Bir-ia-wa-za têm similaridade com a carta EA 253, do Lab’ayu de Šekem. Um dos inimigos de Bir-ia-wa-za é Biridašwa (EA 196, linha 41; EA 197, linhas 13–19 e 33–34) líder das terras do Bāšān, território em situação de litígio. Baseado na carta EA 197, Nadav Na’aman (1988, p. 183-184) considera a localização de Bir-ia-wa-za não em Di-maš-qa mas na periferia dessa cidade-Estado, pelas rotas do Bāšān, Aštarot e Ku-mi-di. Por outro lado, “de acordo com a passagem fragmentária carta EA 53, linhas 24–34, Etakkama de Qidšu (Qadesh) atacou a terra de Upi, conquistou o palácio de Biryawaza e saqueou a cidade fortemente” (NA’AMAN, 1988,

¹⁰ Por outro lado, William W. Hallo postula a similaridade dessa correspondência com carta do Tell el-‘Amarna EA 203, destinada pelo faraó a Abdi-Milki, e a conclusão assemelhada com as cartas EA 99, 162, 367, 369 etc.

¹¹ “Altra tendenza avvertibile confrontando gli ‘Annali’ di Tuthmosi III con le lettere di el-Amarna, è la parziale rinuncia da parte faraonica a stabilire zone di regolare sfruttamento e di diretto controllo: i ‘porti’ che Tuthmosi voleva chiaramente estendere a tutta la costa, e le zone demaniali a ridosso dei porti stessi (foreste del Libano, piana cerealicola nello Yezreel) vennero ridotte al minimo indispensabile per supportare le guarnigioni egiziane, lasciandosi per il resto il governo del paese ai re locali, e il drenaggio economico ad un meccanismo di tipo tributario” (LIVERANI, 1998, p. 34).

p. 184). Este é seguramente um indício histórico de lugar, considerando a informação de EA 197, linhas 26–31, em que o opositor é Arzawiya de Ruḥizzi da mesma terra de Qí-id-ša. Baseado na análise de várias cartas,¹² Na’aman (1988, p. 187) entende ser possível periodizar a ascensão de Bir-ia-wa-za como ocorrida após a morte do Lab’ayu de Škem e de ‘Abdi-Aširta de A-mur-ru. Caso ele seja mesmo contemporâneo de Zalaya, foi inicialmente um “governador” marginal, sem reconhecimento de forma oficial.

No entanto, os governos das cidades são do tipo monárquico, sem esquecermos dos grupos de pastoralistas (os *sutū*) e a concentração de “marginais sociais” (*ḥābiru*) que nos documentos amarnianos ora agem como mercenários, ora ameaçam as ligações entre cidade e campo, mas que fazem parte da estrutura da sociedade. Para Liverani (1998, p. 44), o fenômeno *ḥābiru* prospera graças à particularidade topográfica da região, com os seus locais de abrigo, cujas “montanhas e bosques eram considerados perigosos, as caravanas andavam escoltadas e os mensageiros isolados corriam sérios perigos”. A época de ‘Amarna constitui sem dúvida uma das fases mais importantes no longo período, por sua duração e reinos envolvidos, mas também pela quantidade e qualidade da documentação. Em suas descobertas, Liverani (1999) alude ao fato de o “sistema regional” dos séculos XIV–XIII ter suas raízes principalmente na “idade de Mari” (séculos XVIII–XVII), quando é inserido no processo civilizatório o procedimento diplomático (mensageiro: *mār šipri*) e as terminologias política e jurídica testemunhadas nas fontes do Tell el-‘Amarna.

O sistema regional da “idade de Mari” era limitado à Mesopotâmia; no máximo, chegava ao oeste da Sūriyā e a leste do Elam. Por outro lado, a “Época de ‘Amarna” abrange o sul do Levante e o Mi-iš-ri, a Anatólia e o Mediterrâneo oriental ou norte do Levante. Reflexo desses contextos nota-se na língua dos documentos amarnianos. Exceto duas cartas escritas em hitita (reino da Anatólia central) e uma em hurrita (reino de Mi-it-ta-an-ni, EA 24), a língua diplomática, jurídica e administrativa era a escrita cuneiforme praticada na Bāb-ilī (Babilônia). “Quando por volta do século XVI o circuito dos contatos comerciais e diplomáticos se alargou para incluir o Egito, também esse país adotou a escrita cuneiforme e a língua babilônica, mas apenas para os contatos externos, mantendo obviamente o hieróglifo egípcio para a administração interna” (LIVERANI, 1998, p. 25).¹³

Politicamente, acontece o fim da centralidade política e cultural da Bāb-ilī, com o ingresso dos considerados “povos das montanhas” no meio

¹² Campanhas em A-mur-ru: EA 108, 28–33; 117, 24–28; 121, 41–44; 131, 30–34; 132, 12–18; 138, 28–34; 362, 16–20. Cartas cuja datação é posterior à morte do Lab’ayu de Škem: EA 107 e 250.

¹³ “Quando poi col XVI secolo il circuito dei contatti commerciali e diplomatici si allargò ad includere anche l’Egitto, anche questo paese adottò la scrittura cuneiforme e la lingua babilonese ma solo per i contatti esterni, mantenendo ovviamente il geroglifico egiziano per l’amministrazione interna” (LIVERANI, 1998, p. 25).

ambiente mesopotâmio (cassita, hurrita, hitita) e os protetorados egípcios no corredor siro-palestino (LIVERANI, 1999, p. 311). Não se destaca um mecanismo de relações diplomáticas e especificamente comerciais, talvez por causa das ideologias e das várias culturas autóctones preservadas, apesar do uso de uma língua para as intermediações, a língua da Bāb-ilī.

Na pluralidade cultural, a política é definida pelos grandes impérios do Mi-iš-ri, da Mesopotâmia e da Anatólia hitita, ou seja, a organização é definida pelos “grandes reis”. No período coberto pelo arquivo do Tell el-‘Amarna, os “grandes reis” são Mi-iš-ri, Bāb-ilī, Mi-it-ta-an-ni (norte da Sūriyā), Ḫatti (leste da Anatólia), A-la-ši-ia (Chipre). O contato de um “pequeno rei” com um “grande rei” baseia-se no critério de pertença, reciprocidade, favorecimento do escambo (troca de objetos, de mulheres, de mensagens), respeito à tradição e reconhecimento do soberano maior.

A própria estrutura da relação política internacional, definido como a responsabilidade do soberano sobre toda a área que lhe é atribuída, faz com que o processo deva seguir uma dupla hierarquia: a partir da base (membros ou parentes das vítimas), no topo (o grande rei ou soberano), e, em seguida, a partir do topo (o governante da área onde aconteceu o fato) até a base (os autores, ou suas instâncias locais) (LIVERANI, 1999, p. 321).¹⁴

Essa estrutura é atestada especialmente em U-ga-ri-it. A documentação diplomática de ‘Amarna testemunha um mundo estatizado e urbanizado, um mundo “palatino” e “livresco” em contraste com territórios por vezes controlados pelos *ḫābiru* e *šašu*. Como o contato pessoal era muito dispendioso, a carta cumpre função prática; entre os “grandes reis”, tem clara intenção de aquisição de bens, por parte dos asiáticos, e de mulheres, por parte dos egípcios. Há negociação, intenção cerimonial ou de prestígio, o que confere ao rei um alto valor em si mesmo, daí os pedidos repetidos “sete vezes” antes de serem atendidos (LIVERANI, 1999, p. 316).

O escambo de presentes é a prática que prevalece nos documentos. O remetente envia um presente juntamente com a mensagem (chamado de “presente de acompanhamento”), isso faz parte do aspecto econômico da relação. Nos tratos matrimoniais, conclui-se com presentes na forma de dote ou contradote (móvel de ébano, placa de ouro, tecelagem e roupas finas, vasilhame de ouro, perfume, pedras preciosas etc., tudo em grande quantidade).

Outro aspecto relevante nos conteúdos documentários é o que diz respeito ao cerimonial. A cerimonialidade coloca em perspectiva a escolha do

¹⁴ “La struttura stessa del rapporto politico internazionale, impostato sulla responsabilità del sovrano su tutta la zona di sua spettanza, fa sì che la causa legale debba seguire una duplice scala gerarchica: dalla base (i soci o parenti delle vittime) al vertice (il grande re loro sovrano), e poi dal vertice (il sovrano della zona dove è avvenuto il fatto) alla base (i responsabili, ovvero le loro istanze locali)”.

objeto a ser enviado como dom e a ocasião para enviá-lo ou para solicitá-lo. O objeto a ser enviado ou dado em retribuição deve ser personalizado. Muitos objetos são enviados em datas específicas; muitos outros não apenas mantêm a retribuição entre os reis, mas multiplica por três, sete, dez vezes. Para Liverani (1999, p. 329), o primeiro procedimento é o presente “provo-catório”, aquele que tem o objetivo de estimular um contradom maior; outro procedimento é retribuir o presente recebido com um pequeno presente, apenas para manter a relação e não responder negativamente.

O personagem Bir-ia-wa-za é um governante local, mas é desconhecido qualquer título real atribuído ao seu nome. A capital do seu “pequeno reino” era provavelmente Di-maš-qa, cujo topônimo inscreve-se como Abi(na)/’Upi; porém, essa cidade é ligada antes ao “pequeno rei” Zalaya e a um centro administrativo imperial, localizado na província de Ku-mi-di (Kāmid el-Lōz). O raio de influência de Bir-ia-wa-za estendeu até o extremo norte (setentrional) da região do Levante, após o vale do Orontes onde está Etakama ou Aitakkama, governante de Qí-id-ša (pactuado com Aziru de A-mur-ru e com Ḫatti). Nada obstante, não invalida o fato de Bir-ia-wa-za ter sido um governador sem reconhecimento oficial e migrante de outros territórios aramitas. No território onde situa-se Bir-ia-wa-za passavam caravanas em direção ao norte. Os conflitos nesse território ficam evidentes nas cartas, especialmente pelos pedidos de socorro às guarnições egípcias; essas guarnições ficavam estacionadas em três centros administrativos: Ha-za-ti (Gaza), na Cisjordânia; Ku-mi-di, na Beqa’, ou seja, na Sūriyā interna; e Šu-um-ra, na zona de A-mur-ru, ou seja, na Sūriyā costeira. Nessas periferias, as cartas EA 53, 151 e 195–197 colocam Bir-ia-wa-za nos contextos de conflitos social e territorial frontalmente com Šēkem e A-mur-ru.

Conclusão: a propósito de espaço e cultura material

Figura 1. Mapa do antigo Oriente-Próximo.

Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/fc/88/77/fc8877daae8ae62e1d79bd435aab257e.png>

Figura 2. Mapa do Levante - II-I milênios. Fonte: Martin Sauvage. In BORDREUIL; BRIQUEL-CHATONNET; MICHEL, 2014.

Figura 3. Mapa da Idade do Bronze Tardio - Mapa de sítios do norte do Levante (Síria).

Fonte: STEINER; KILLEBREW, 2014.

Figura 4. Tell el-Amarna. Sítio do rio oriental.

Fonte: GRIMAL, 2012.

Figura 5. Tell el-Amarna. Centro da cidade.

Fonte: GATES, 2011.

Figura 6. Tell el-Amarna. Planta do palácio.

Fonte: GRIMAL, 2012.

Figura 7. Tell el-Amarna. O grande templo, em anexo os túmulos. Fonte: GRIMAL, 2012.

Figura 8. Tell el-Amarna. Elevação do centro da cidade. Fonte: GRIMAL, 2012.

Figura 9. Akhenaton e Nefertiti. Fonte: GRIMAL, 2012.

Figura 10. Amenhotep IV. Fonte: Amarna Project.

Figura 11. Tell el-'Amarna. Carta ou documento.
Fonte: British Museum N° 01613363761.

Figura 12. Tell el-'Amarna. Carta ou documento.
Fonte: British Museum N° 01613318167.

Figura 13. Pote da Idade do Bronze Tardio, de Tullul el-Far, região de Damasco.
Fonte: La recherche au Musée du Louvre, 2012. Département des Antiquités Orientales, Sophie Cluzan.

Figura 14. Vaso globular da Idade do Bronze Tardio, de Tullul el-Far, região de Damasco.
Fonte: La recherche au Musée du Louvre, 2012. Département des Antiquités Orientales, Sophie Cluzan.

Figura 15. Potes da “Época de Amarna” no norte do Levante (Síria antiga).

Fonte: British Museum N^o.00496972001.

Referências bibliográficas

- AKKERMANS, Peter M.M.G. The northern Levant during the Neolithic Period. In: STEINER, Margreet L.; KILLEBREW, Ann E. (Eds.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 134-146.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. A Síria na Idade do Bronze e a questão do modo de produção asiático. In: CARDOSO, Ciro Flamarion S. (Org.). *Modo de produção asiático: nova visita a um velho conceito*. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 69-83.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Trabalho compulsório na Antiguidade: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- COELHO, Liliane Cristina. O Egito e seus vizinhos: relações de poder nas *Cartas de Amarna*. In: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; BIRRO, Renan Marques (Orgs.). *Relações de poder: da Antiguidade ao Medievo*. Vitória: Departamento de Línguas da Universidade Federal do Espírito Santo, 2013, p. 1-24.
- GATES, Charles. *Ancient cities: the archaeology of urban life in the ancient Near East and Egypt, Greece, and Rome*. 2. ed. rev. London: Routledge, 2011.
- GRIMAL, Nicolas. *História do Egito antigo*. Tradução de Elza Marques Lisboa de Freitas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- HALLO, William W. Kumidi. In: HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson, Jr. (Eds.). *The context of Scripture*. Vol. 3: Archival documents from the biblical world. Leiden: E.J. Brill, 2002, p. 242-243.
- HEINZ, Marlies; KULEMANN-OSSEN, Sabina. The northern Levant (Lebanon) during the Late Bronze Age. In: STEINER, Margreet L.; KILLEBREW, Ann E. (Eds.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press,

2014, p. 524-540.

HOFFMEIER, James K. Historiography. King lists (1.37). In: HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson, Jr. (Eds.). *The context of Scripture*. Vol. 1: Canonical compositions from the biblical world. Leiden: E.J. Brill, 1997, p. 68-73.

KUHRT, Amélie. *El Oriente Próximo en la Antigüedad: c. 3.000–330 a.C.* Vol. 1. Traducción de Teófilo de Lozoya. Barcelona: Editorial Crítica, 2014.

LIVERANI, Mario. *Le lettere di el-Amarna*. 1. Le lettere dei “Piccoli Re”. Brescia: Paideia Editrice, 1998.

LIVERANI, Mario. *Le lettere di el-Amarna*. 2. Le lettere dei “Grandi Re”. Brescia: Paideia Editrice, 1999.

LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente: história, sociedade e economia*. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

LUCIANI, Marta. The northern Levant (Syria) during the Late Bronze Age. In: STEINER, Margreet L.; KILLEBREW, Ann E. (Eds.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 509-523.

MATOĀN, Valérie; MICHEL, Cécile. L’art du métal: métallurgie et orfèvrerie. In: BORDREUIL, Pierre; BRIQUEL-CHATONNET, Françoise; MICHEL, Cécile (Dir.). *Les débuts de l’Histoire: civilisations et cultures du Proche-Orient ancien. Nouvelle édition revue et augmentée*. Paris: Éditions Khéops, 2014, p. 54-60.

MORANDI BONACOSSO, Daniele. The northern Levant (Syria) during the Middle Bronze Age. In: STEINER, Margreet L.; KILLEBREW, Ann E. (Eds.). *The Oxford handbook of the archaeology of the Levant: c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 414-433.

MYNÁŘOVÁ, Jana. *Language of Amarna – language of diplomacy: perspectives on the Amarna Letters*. Prague: Czech Institute of Egyptology, Charles University in Prague, 2007.

NA’AMAN, Nadav. Biryawaza of Damascus and the date of the Kāmid El- Lōz ‘apiru letters. *Ugarit-Forschungen*, Neukirchen-Vluyn, band 20, p. 179-193, 1988.

PARDEE, Dennis. Between king or queen and a non-royal personage. In: HALLO, William W.; YOUNGER, K. Lawson, Jr. (Eds.). *The context of Scripture*. Vol. 3: Archival documents from the biblical world. Leiden: E.J. Brill, 2002, p. 100-107.

RAINEY, Anson F. *The El-Amarna correspondence: a new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Vol. 1. William Schniedewind and Zipora Cochavi-Rainey (Eds.). Leiden: E.J. Brill, 2015.

SANTOS, João Batista Ribeiro. A experiência do mundo: uma visão historiográfica sobre a cidade de Gaza no contexto da materialidade do Mediterrâneo antigo. *Diálogos*, Maringá, vol. 16, p. 951-969, 2012.

YOUNGER, K. Lawson, Jr. *A political history of the arameans: from their origins to the end of their polities*. Atlanta, GA: SBL Press (Society of Biblical Literature Archaeology and Biblical Studies), 2016.

Submetido em: 4-6-2018

Aceito em: 6-6-2018